

## **Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa**

**Manuel José Matos Nunes**

### **Resumo**

As diferenças artísticas e ideológicas entre Ferreira de Castro e Mário Dionísio não impediram a admiração recíproca, a camaradagem literária e a amizade. A partir de textos de natureza crítica, epistolar e autobiográfica, avalia-se a forma como se processou a relação literária e intelectual entre os dois escritores.

**Palavras-chave:** Humanismo, Literatura Social, Neo-Realismo.

### **Abstract**

The artistic and ideological differences between Ferreira de Castro e Mário Dionísio did not prevent mutual admiration, literary camaraderie and friendship. From critical, epistolary and autobiographical texts of the two writers, the document evaluates how the literary and intellectual relationship developed between them.

**Keywords:** Humanism, Social Literature, Neo-Realism.

Mário Dionísio (1916-1993) destacou-se como poeta, contista, romancista, pintor, professor, crítico literário e de arte, sendo reconhecido como o principal teorizador do movimento neo-realista. Manteve com Ferreira de Castro, dezoito anos mais velho, relações pessoais e literárias de amizade e admiração recíproca. No epistolário dos dois escritores, na autobiografia e no diário inédito de Mário Dionísio, bem como nas recensões feitas por este na revista *Vértice* aos romances *A Lã e a Neve* e *A Curva da Estrada* encontram-se testemunhos dessas relações que podem considerar-se exemplares. Tratando-se de homens diferentes – pela origem social, pelos percursos de vida, pelas opções artísticas e ideológicas –, estiveram no entanto muito próximos naquilo que era fundamental. Numa carta de Ferreira de Castro para o autor de *A Paleta e o Mundo* pode ler-se: «(...) por cima de todas as nuances, a nossa causa – a grande causa da Humanidade – é só uma.»<sup>1</sup>

Há na autobiografia de Mário Dionísio uma referência à forma como Ferreira de Castro o encorajou à escrita literária:

«Eles [referia-se aos escritores amigos] viam na maneira absorvente como ao ensino me entregava a mais indesculpável das infidelidades. (...) O Ferreira de Castro, por exemplo, quando, no Verão, estando eu em Sintra e ele em Galamares, nos encontrávamos com bastante frequência [dizia]: “Cuidado! Não deixe passar a idade. O tempo voa...”<sup>2</sup>»

Esta referência assume especial significado por fazer parte de uma autobiografia, um balanço da vida feito a muitos anos de distância dos factos narrados, em que normalmente só se regista aquilo que marcou e foi importante para o seu autor. A convivência em Sintra entre os dois escritores está ainda documentada no diário de Mário Dionísio, num apontamento de 5 de Setembro de 1956, pelo relato de uma conversa de café, descontraída, típica de férias, entre Mário Dionísio, Ferreira de Castro e Roberto Nobre.<sup>3</sup>

Do espólio de Mário Dionísio consultámos cópias de treze cartas de Ferreira de Castro com datas que vão de 27 de Dezembro de 1944 a 15 de Setembro de 1969. São cartas amistosas, encimadas por vocativos como “Meu prezado amigo e camarada”, “Meu caro Mário Dionísio” ou “Meu querido Mário Dionísio”, terminando na maior parte das vezes com a fórmula “Abraça-o o amigo e admirador.” Na maioria dos casos, estas cartas agradecem livros de Mário Dionísio e aproveitam para relatar impressões de leitura, elogiando e estimulando o trabalho do seu camarada de Letras. Ferreira de Castro enviava igualmente exemplares dos seus livros ao autor e crítico neo-realista. Há, na biblioteca do Centro de Documentação da Casa da Achada, vários com dedicatória, nomeadamente *A Lã e a Neve* e *A Curva da Estrada* que tiveram as referidas recensões na *Vértice*. Para além destes, atestando o conhecimento que Mário Dionísio tinha da obra de Ferreira de Castro, encontram-se ainda os seguintes: *O Êxito Fácil* (1923), *A Metamorfose* (1924), *A Morte Redimida* (1925), *A Peregrina do Mundo Novo* (1926), *A Epopeia do Trabalho* (1926), *O Voo nas Trevas* (1927), *A Selva*, 5ª edição (1935), *Terra Fria*, 2ª edição (1935), *Emigrantes*, 4ª edição (1936), *Eternidade*, nova edição corrigida pelo autor (sem data), *A Missão: três novelas* (1954), *A Selva*, ilustrações de Portinari (1955), *As Maravilhas Artísticas do Mundo*, vol. I (1959) e vol. II (1963) e *O Instinto Supremo* (1968). Pelas cartas, fica-se a saber que Mário Dionísio enviou a Ferreira de Castro exemplares dos seus livros *O Dia Cinzento* (1944), *As Solicitações e Emboscadas* (1945), *Encontros em Paris* (1952), *O Drama de Vicente*

<sup>1</sup> Carta de 1-9-1947, espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada.

<sup>2</sup> MÁRIO DIONÍSIO – *Autobiografia*, Lisboa, Edições «O Jornal», 1987, p. 17

<sup>3</sup> Diário inédito *Passageiro Clandestino*, entrada de 4-11.1956, espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada.

van Gogh (1953), *Memória dum Pintor Desconhecido* (1966), *Poesia Incompleta* (1967), *O Dia Cinzento*, nova edição (1967) e *Não Há Morte nem Princípio* (1969).

A recensão na *Vértice* ao romance *A Lã e a Neve* – pela recensão em si e pela correspondência que originou –, permite perceber os sentimentos de estima, admiração e lealdade que havia entre os dois homens. A recensão saiu no nº 49 da revista, Agosto de 1947, havendo a considerar quatro cartas que lhe dizem directamente respeito:

Primeira carta, de Mário Dionísio a Ferreira de Castro, datada de 8 de Agosto, em que aquele informa ter escrito uma crítica ao romance *A Lã e a Neve*, dizendo:

«Nenhum outro [romance] me ofereceria, a um tempo, tanto interesse de aplauso e de discordância como ele, nenhum outro me provocaria, neste momento, tanto desejo de pensar e escrever sobre literatura como ele. Não sei se toda a gente, como digo no citado artigo, compreenderá este modo de profundamente admirar que é o aplaudir e discordar ao mesmo tempo, este prestar de homenagem que prefere (de longe!) a discussão constante e interessadíssima ao elogio balofo, inútil, quase ofensivo de quem trabalha *a sério*, ao ambiente de mole aceitação que nos rodeia e prejudica há tantos anos.»<sup>4</sup>

Segunda carta, de Ferreira de Castro, datada de 15 de Agosto, agradecendo “as palavras amigas” da anterior e desejando boas férias.

Terceira carta, igualmente de Ferreira de Castro, com data de 1 de Setembro, com as suas impressões sobre a recensão de Mário Dionísio. Adiante se falará dela.

Quarta carta, de Mário Dionísio, escrita a 22 de Setembro, agradecendo a anterior e manifestando a sua satisfação pela compreensão com que Ferreira de Castro acolhera a sua crítica.

A primeira e a quarta cartas foram publicadas por Ricardo António Alves no seu livro “100 Cartas a Ferreira de Castro”; a segunda e a terceira fazem parte do espólio de Mário Dionísio. Desconhecemos se já foram objecto de publicação.

Que diz Mário Dionísio sobre *A Lã e a Neve*?<sup>5</sup> Em primeiro lugar, que o romance «marca vulto de grande relevo» no panorama literário da época, romance de um autor que é pioneiro na literatura social portuguesa e cujo nome se inscreverá, sem dúvida, em caixa alta – a expressão é de Mário Dionísio – na nossa história literária do século XX. Atente-se no reconhecimento deste pioneirismo de Ferreira de Castro, apontado pelo crítico em função dos seus romances *A Selva* e *Emigrantes*, e não referindo, curiosamente, o romance *Eternidade*. Em segundo lugar, diz-nos que o autor de *A Lã e a Neve* não é um neo-realista, embora seja a ele «que os neo-realistas têm de agradecer para sempre o desbravar da rota.» Ter em consideração que o romance *Emigrantes* é de 1928, *A Selva* de 1930 e *Eternidade* de 1933, enquanto o movimento de Mário Dionísio, Joaquim Namorado e tantos outros começou a ganhar consistência nos periódicos *O Diabo* e *Sol Nascente* na segunda metade da década de trinta, tendo sido só em 1939 que apareceu o primeiro romance

---

<sup>4</sup> RICARDO ANTÓNIO ALVES, selecção, transcrição, comentários e notas – *100 Cartas a Ferreira de Castro*, 2ª edição refundida, Sintra, Museu FC, 2007, p. 114.

considerado neo-realista: *Gaibéus*, de Alves Redol. Para Mário Dionísio, Ferreira de Castro não é um neo-realista porque «o seu conceito do mundo e da vida e, conseqüentemente, do romance não é o mesmo que informa, indispensavelmente, a visão do mundo, da vida, do romance» dos escritores daquele movimento. *A Lã e a Neve*, diz o crítico, é um romance em que tudo é avaliado segundo «um critério exclusivamente individual», ou seja, assentando «a compreensão e explicação dos fenómenos sociais na pura acção dos indivíduos e a que, por outro lado, os indivíduos são de certo modos estranhos.» O fio condutor da acção é o desiderato de felicidade individual do protagonista Horácio: poder ter uma casa semelhante àquelas que vira na zona do Estoril quando estivera a cumprir serviço militar no quartel de artilharia antiaérea. Foi por esse desiderato que Horácio abandonou a vida de pastor para se tornar aprendiz, pegador de fios e tecelão numa fábrica da Covilhã, vendo-se metido numa greve com um final desolador. Greve que é relatada – diz Mário Dionísio na parte final da recensão – sem se vislumbrar «a mínima consciência de classe» dos operários nela envolvidos.

Abstemo-nos, aqui e agora, de tomar posição nesta matéria de saber até que ponto a perspectiva individual é prevalecente no conteúdo do romance. Quanto à sua filiação no cânone neo-realista, remetemos os interessados para obras que permitirão um cabal aprofundamento desta problemática: *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, de Alexandre Pinheiro Torres<sup>6</sup>; *A Narrativa no Movimento Neo-Realista*, de Vítor Viçoso<sup>7</sup> e *Anarquismo e Neo-Realismo – Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*, de Ricardo António Alves<sup>8</sup>, em especial o seu capítulo II, “Neo-Realismo: contributo para dificultar um problema.”

Em terceiro lugar, Mário Dionísio faz algumas observações sobre linguagem e estilo. Aprecia no romance de Ferreira de Castro o «estilo liberto do espartilho académico», mas deplora «a busca de efeito, por ventura menos feliz» patente no uso de expressões como “luzes plenidiurnas”, “copiosas presenças humanas”, “grandes souts pretéritos”, “olhares condutores de voluptuosas ideias”, “arquipélagos de nódoas”, etc. Vai mais longe e ajuíza que este gosto pelo «sensacional da forma» – já discreto, mas ainda visível –, trá-lo Ferreira de Castro lá mais de trás, das suas obras de juventude de que a novela *A Peregrina do Mundo Novo* é um claro testemunho. E no entanto, diz, há em *A Lã e a Neve* páginas soberbas, páginas de ler e apreciar, duma notável economia de meios, «duma precisão e perfeição que se colocam no mais alto do nível nacional.» Apontando a falta, no seu entender, de uma visão de síntese que permita descobrir o verdadeiro significado social do romance, Mário Dionísio termina da seguinte forma:

«(...) *A Lã e a Neve*, até pelo número de discordâncias e problemas que levanta é um dos livros mais apaixonantes de Ferreira de Castro. Nunca Ferreira de Castro se abeirou tanto do povo do seu país. E, por

---

<sup>5</sup> A recensão crítica saiu no vol. IV, nº 49, de Agosto de 1947, da *Vértice*, pp. 302-307, de onde foram extraídas as citações que se seguem.

<sup>6</sup> Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, 2ª edição, 1983.

<sup>7</sup> Lisboa, Edições Colibri, 2011-

<sup>8</sup> Lisboa, Âncora Editora, 2002.

mais discutível que para mim permaneça o ângulo por que tal aproximação se realizou, o caso é que se trata dum romance ousado, sincero, invulgar, que confirma mais uma vez as profundas qualidades literárias e humanas que há tantos anos fizeram do seu autor um dos escritores mais queridos de todos nós e nesse ponto de entusiasmo o mantém.»

Ferreira de Castro aceitou como boas as críticas de Mário Dionísio. O escritor encontrava-se em viliatura no Luso quando terá lido a recensão da *Vértice*. Envia a carta de 1 de Setembro de 1947, discordando apenas de alguns pequenos pontos, mesmo assim não estando seguro da sua discordância, dado não ter consigo o texto do romance para uma comprovação adequada do que lhe era imputado. O que Ferreira de Castro diz nessa carta é admirável. Vale bem a pena a citação:

«Gostei muito da sua crítica à “Lã e a Neve”. Gostei sinceramente. É um trabalho de um homem de boa vontade. É um trabalho leal – e V. já verificou com certeza, e há-de verificar, infelizmente, muitas mais vezes ao longo da vida, que nem sempre nós, homens de letras, somos tratados pelos nossos camaradas com lealdade. Sensibilizaram-me muito as palavras primorosas que V. teve para mim e aceitei, como boas, as observações que V. fez. (...)

Quanto ao conjunto social do romance, ele deve apresentar – creio-o bem – muitas insuficiências, pois a censura constituiu uma inevitável preocupação enquanto escrevi as segunda e terceira partes do livro. E mesmo já depois deste concluído, fiz numerosas modificações e amputações. (...) Não me surpreenderei, pois, que eu não tenha sempre chegado até onde desejaria chegar, mesmo à margem dos romances que V. sugere e que, de resto, eu não pretendi estabelecer, pois entendo que, por cima de todos as nuances a nossa causa – a grande causa da Humanidade – é só uma.

No que respeita às dificuldades, o caso da greve é um curioso exemplo. Com a perseguição da censura escolhi uma greve tal qual ela foi (...) – uma greve que não pudesse ser contestada. Eu já sabia que o episódio real é um grande inimigo do romancista – um limite, uma fronteira, um trambolho sem plasticidade. E aconteceu, inevitavelmente, o que era de recear: a greve verdadeira mostrou-se menos convincente, menos sugestiva, mesmo menos... verdadeira do que seria numa greve construída pelo romancista, uma greve imaginada... Eis um problema de estética literária que não é novo, que já tem sido tratado, mas sobre o qual eu tenho, por experiência própria, colhido algumas surpresas e também alguns ensinamentos.»<sup>9</sup>

A crítica ao romance *A Lã e a Neve* tem a marca do sentido pedagógico que Mário Dionísio imprimia aos seus textos na divulgação dos princípios teóricos do Neo-Realismo. Situa-se na linha das “Fichas” da *Seara Nova*, publicadas na revista dirigida por Câmara Reis entre Fevereiro de 1942 e Julho de 1943. Daí que, apesar de toda a simpatia que a personalidade de Ferreira de Castro lhe inspirava, não cedesse um milímetro na fidelidade aos princípios e definições programáticas da sua corrente literária. A verdade é que o humanismo de Ferreira de Castro estava por de fora dos desígnios do humanismo neo-realista. Mário Dionísio nunca gostou do termo “neo-realismo”, designação por que veio a ser conhecido o movimento depois do artigo de Joaquim Namorado sobre o escritor brasileiro Amando Fontes no número de 31 de Dezembro de 1938 de *O Diabo*. A expressão “novo humanismo” chegou a surgir como alternativa, havendo a ideia de que poderia servir para designar a corrente literária e artística de inspiração marxista.<sup>10</sup> Escreveu o

<sup>9</sup> Carta de 1-9-1947, Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada, Dos-2-13-doc4-001/006

<sup>10</sup> Entrevista de Augusto M. Seabra publicada na secção “Actual/Cultura” do suplemento “A Revista” do *Expresso*, 24 de Abril de 1982; MÁRIO DIONÍSIO – *Entrevistas (1945- 1991)*, Lisboa, Casa da Achada, 2010, pp. 103-115.

autor de *A Lã e a Neve*, na carta que vimos de citar: «(...) por cima de todos as nuances, a nossa causa – a grande causa da Humanidade – é só uma». Daí o título, que nos parece justo, para este escrito: “Ferreira de Castro e Mário Dionísio: dois humanismos, uma só causa.”

Em Janeiro de 1951 Mário Dionísio publicava uma crítica ao romance *A Curva da Estrada*.<sup>11</sup> A acção da narrativa de Ferreira de Castro desenvolve-se em torno do caso de Dom Álvaro Soriano, dirigente político de esquerda que renega as suas convicções no período histórico imediatamente anterior à Guerra Civil de Espanha. Como se sabe pela notícia do *Heraldo de Madrid* logo nas primeiras páginas do romance, este caso é uma “mudança de sector”, um movimento oportunista: o dirigente do Partido Socialista não só se preparava para abandonar a luta operária no seio do seu partido, como pretende ingressar no Partido Nacional, representante e defensor de interesses de classe antagónicos. Pode um militante com altas responsabilidades abandonar a organização partidária a que sempre pertenceu e desdizer a sua doutrina e actuação anteriores? Como compatibilizar este procedimento com a memória traída dos que morreram na luta ou às mãos dos torcionários em defesa de uma causa a que agora renunciava um dos principais mentores? Coloca-se aqui uma questão de ordem ética magistralmente desenvolvida no capítulo XII com a conversa a três entre Dom Álvaro, seu filho Enrique e o amigo Pepe Martinez. O intricado destes problemas e tudo o mais que o romance encerra – não esquecer a «teia venenosa e lúbrica» urdida pela dupla Mercedes-Paco –, leva Mário Dionísio a falar de *A Curva da Estrada* como obra séria e sentida e, além disso, como obra inteligente. Salienta, em confronto com *A Lã e a Neve*, a capacidade de renovação de Ferreira de Castro, a superioridade do seu trabalho, concluindo – numa clara alusão ao ensaio *Da viabilidade do romance português de interesse universal*, da autoria de José Bacelar,<sup>12</sup> ensaio que ele acolhera desfavoravelmente em crítica feita n’*O Diabo*<sup>13</sup> – dizendo: «É afinal possível escrever um romance português de interesse universal. Basta que o seu autor seja, por exemplo, Ferreira de Castro.»

Não nos foi dado conhecer no espólio de Mário Dionísio qualquer carta que espelhe uma reacção de Ferreira de Castro a esta crítica na *Vértice*. Ela saiu, repetimos, no nº 89 de Janeiro de 1951. Sabemos que em 5 de Maio desse ano, segundo carta enviada para Roberto Nobre<sup>14</sup>, já o autor de *A Curva da Estrada* se encontrava em Paris a acompanhar a tradução do seu romance para língua francesa : *Le Renoncement de Don Alvaro*. Por lá continuaria, em França, até meados de Setembro.

É durante este período que se regista um novo assunto na correspondência com Mário Dionísio: a possível colaboração do escritor na edição especial da *Vértice* comemorativa do X aniversário e do 100º número da revista. Em carta datada de Paris, 27 de Maio de 1951, escreve:

«Meu caro Mário Dionísio: Que pena eu não saber isso do nº especial da revista antes de vir para cá! Como já tornei público várias vezes, eu não escreverei nada expressamente para a imprensa portuguesa enquanto houver censura. Esta decisão vem desde 1936. Contudo, poderia arranjar um trecho de qualquer trabalho meu, se estivesse em Lisboa. Daqui é impossível. Ora eu só penso regressar a Portugal em fins de

<sup>11</sup> Vol. X, nº 89, de onde foram extraídas as citações que se seguem.

<sup>12</sup> Lisboa, *Seara Nova*, 1939.

<sup>13</sup> Nº 236 de 1 de Abril de 1939.

<sup>14</sup> RICARDO ANTÓNIO ALVES, introdução, leitura e notas – *Ferreira de Castro-Roberto Nobre, Correspondência (1922-1969)*, Sintra, Editorial Notícias/CMS, 1994, p. 132.

Setembro. Estive a pensar e não encontrei maneira de satisfazer o seu desejo, que era também o meu. Paciência! Ficaré para o nº que se seguir ao meu regresso.»<sup>15</sup>

Não obstante esta recusa, em carta de Annecy, 1 de Agosto de 1951, Ferreira de Castro informa Mário Dionísio:

«Encontrei há dias a cópia de um artiguelho que a *Europe* [revista literária francesa] me pediu sobre o Jorge Amado e que ela publicou o ano passado. Aqui lha mando, correspondendo assim, embora tarde e mal, ao seu convite para o nº especial da *Vértice*. No caso de chegar a tempo, é favor meter no fim do artigo, pelas razões que já lhe disse, um entre-parentesis declarando que, embora inédito em Portugal, este trabalho foi publicado na *Europe*.»<sup>16</sup>

O artigo chegou a tempo, intitulava-se “Um romancista brasileiro”, e a revista assinalou no sumário: «Exceptuando o artigo de Ferreira de Castro, que foi publicado pela primeira vez em língua francesa, toda a colaboração deste número é inédita.»

Vasta colaboração teve o número especial da *Vértice*<sup>17</sup>: mais de cinquenta autores, alguns como José Régio e João Gaspar Simões nada alinhados com a sua matriz ideológica. Respigamos uma passagem admirável desse artigo sobre Jorge Amado. Um romancista como Ferreira de Castro pode escrever poesia num simples artigo de revista. Dizia então sobre Jorge Amado:

«Sem deixar de ser um romancista poderoso, ele envolve as suas obras num clima poético. Um denso lirismo paira sobre os problemas do nosso tempo, que ele debate nos seus romances. O povo brasileiro surge ali com as suas inquietações, os seus dramas, os seus costumes, as suas superstições e essa quente poesia dos trópicos, onde a própria lua, sobretudo a própria lua, parece ter febre.»<sup>18</sup>

Resta falar da edição comemorativa do vigésimo quinto aniversário de *A Selva*. Cândido Portinari, o grande artista brasileiro de *Café*, *Retirantes* e dos painéis do palácio da ONU sobre a Guerra e a Paz é convidado a ilustrar a edição especial do romance de Ferreira de Castro. Mário Dionísio, admirador e amigo de Portinari, sobre cuja arte escreveu por diversas vezes, elabora um texto para o catálogo da exposição desses trabalhos que decorreu em Outubro de 1955 na Academia Dominguez Alvarez, no Porto. Esse texto tinha como título “Portinari e Ferreira de Castro” e foi depois publicado na revista *Vértice*<sup>19</sup>. Desta forma, o autor de *A Paleta e o Mundo* relaciona-se mais uma vez com o trabalho do grande escritor de Ossela, neste caso por mediação do «pintor de camponeses» – assim chamou Mário Dionísio a Portinari num artigo de 1946 – , cujas ilustrações para *A Selva* eram, segundo ele, «(...) a verdadeira recriação plástica de toda a força poética explícita e implícita no livro de Ferreira de Castro.»

Força poética explícita e implícita era o que Mário Dionísio via em *A Selva* e na obra de Ferreira de Castro. Mesmo na recensão sobre *A Lã e a Neve*, apesar de todos os reparos, não deixa de exaltar a magistral descrição da caminhada de Horácio e Serafim Caçador sob a neve, de Manteigas para a Aldeia do Carvalho, no quinto capítulo do romance. Na recensão sobre *A Curva da Estrada*, quatro anos depois, ainda evoca

---

<sup>15</sup> Espólio de Mário Dionísio, Casa da Achada, Dos-2-13-doc5-001/002.

<sup>16</sup> Idem, Dos-2-13-doc6-001.

<sup>17</sup> Vol. XI, nº 99-101, Nov. 1951-Jan. 1952.

<sup>18</sup> *Vértice*, nº citado, pp. 582-583.

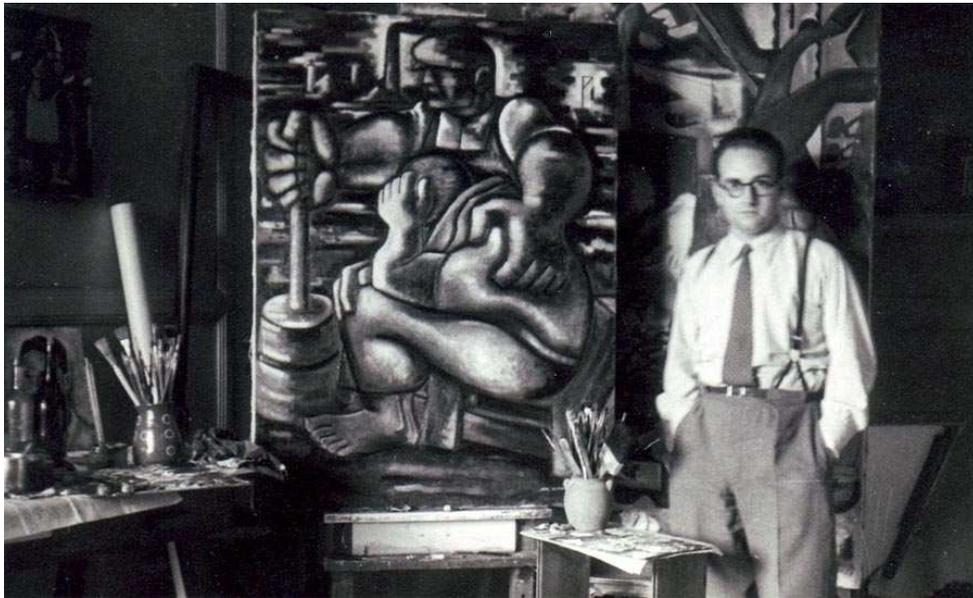
<sup>19</sup> Vol. XV, nº 147, Dez. 1955.

aquelas páginas de poesia e arte, dizendo haver neste romance «pedaços tão altos como a caminhada sob o nevão de *A Lã e a Neve*».

Para lá de todas as diferenças, havia entre Ferreira de Castro e Mário Dionísio «mútua compreensão, tolerância e também exigência». São palavras do autor de *A Paleta e o Mundo* na carta em que agradece o bom acolhimento dispensado por Ferreira de Castro à sua crítica:

«(...) é uma grande alegria para mim ver que esta mútua compreensão, tolerância e também exigência se filia, em última instância, no amor e dedicação à “grande causa da Humanidade” a que você se refere com toda a justiça e que servimos certamente com a maior convicção.»<sup>20</sup>

Assim, perante os legados literários destas duas personalidades e a exemplaridade das relações pessoais e intelectuais que entre si souberam criar, não deixa de ser uma circunstância feliz o facto de em 2016 se comemorarem dois centenários: o do nascimento de Mário Dionísio e o da obra literária de Ferreira de Castro.



**Figura 1**

Mário Dionísio ao lado do quadro que havia de ser apreendido pela PIDE na II Exposição de Artes Plásticas (1947), exposto com o pseudónimo de José Alfredo Chaves, 1946. Col. Mário Dionísio (Casa da Achada)



<sup>20</sup> RICARDO ANTÓNIO ALVES, *Obra citada*, p. 182.